

Esquemas de personalidade mais prevalentes em indivíduos que praticaram crimes

*Most prevalent drawing of personality
in individuals who committed crimes*

*Marseilly Carvalho Oliveira Rocha**

*Nilton S. Formiga***

*Ederaldo José Lopes****

Resumo

Neste estudo propôs-se avaliar a identificação dos esquemas de personalidade mais comuns para tipos de crimes em presidiários. Tomou-se como orientação teórica a abordagem cognitiva, para a qual a personalidade é considerada como sendo formada por valores centrais, desenvolvidos bem cedo na vida dos indivíduos e resultantes de fatores presentes em seu ambiente. Participaram do estudo 244 presidiários, homens e mulheres, do Presídio Professor Jacy de Assis, de Uberlândia- MG, julgados e condenados por crimes diversos; eles responderam a um questionário sócio-demográfico e ao questionário de Esquemas de Personalidade- forma reduzida de Young, o qual avalia os quinze esquemas que se encontram inseridos em cinco grandes domínios: Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites Prejudicados, Orientação para o Outro, Supervigilância e Inibição. As análises foram realizadas por meio do programa SPSS 18.0 e calculadas análises estatísticas descritivas (frequência, porcentagem, média e desvio-padrão). Observou-se que os presidiários pontuaram mais alto nas respostas para o Esquema Autossacrifício e menor média para Defectividade/ Vergonha.

Palavras-chaves: *esquema personalidade; presidiários; abordagem cognitiva.*

* Mestre em psicologia da Saúde/Processos Cognitivos pela Universidade Federal de Uberlândia; psicóloga prisional em Uberlândia. Correspondência: R. dos Miosótis, 60 Bairro: Cidade Jardim. Uberlândia- MG. E-mail: sellyrocha@yahoo.com.br

** Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: nsformiga@yahoo.com

*** Pós-Doutor em Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Associado III da Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia. E-mail: ederaldol@umarama.ufu.br

Abstract

This study evaluates the identification of the most common personality types for criminal convicts. The cognitive approach was used as theoretical orientation. The personality is considered as being formed by core values, is developed early on in the life of individuals and results from current factors present in their environment. The study considered 355 prisoners, both men and women, from a facility called Professor Jacy de Assis, in Uberlândia - MG; the prisoners were judged and convicted of various crimes; they answered a socio-demographic questionnaire and also the Schemes of Personality - reduced form from Young, which assesses the fifteen schemes that are inserted into major domains: Disconnection and Rejection, Autonomy and Performance Underdogs, prejudiced limits, orientation towards the other, hyper vigilance and inhibition. All the Analysis was performed using SPSS 18.0 and calculated descriptive statistical analysis (frequency, percentage, mean and standard deviation). It was observed that inmates scored higher on responses for the self-sacrifice scheme and had low scores for defectiveness/shame.

Keywords: *personality scheme; prisoners; cognitive approach.*

INTRODUÇÃO

A preocupação em relação às explicações e intervenções sobre o crime é recorrente desde os primeiros filósofos: considerava-se que tal prática tinha sua explicação na patologia, na falta de conhecimento, na busca por prazeres exagerados, bem como, tinha sua origem na condição da miséria humana, sendo deste modo, um “inimigo” da sociedade, devendo ser castigado (Shikida, P. Araújo Júnior, Shikida, C. & Borilli, 2006).

Percebe-se um crescente interesse de pesquisadores por estudos na área criminal, o que pode-se justificar pelo aparente aumento do número de crimes cometidos não apenas por adultos, mas também por crianças e jovens. Um recente estudo realizado pelo Instituto “Sou da Paz” revelou que 60% das prisões em flagrante com arma de fogo, ocorridas no ano de 2011 no município de São Paulo se deram com jovens entre 18 e 25 anos (Instituto Sou da Paz, 2013), o que revela uma participação significativa de jovens em crimes violentos, condição que merece uma intervenção urgente e políticas sociais que possam controlar tal fenômeno na contemporaneidade.

Frente a esta preocupação acerca da criminalidade, diferentes disciplinas têm estudado o fenômeno criminal, considerando-se os diversos fatores que possam se relacionar a esta prática. Dentre os fatores estudados e pesquisados está a personalidade.

Acerca da possível relação entre personalidade e crime, acredita-se que qualquer que seja o fator a ser investigado ao se tratar da prática delitiva, este não deve ser considerado em termos de causa e consequência, já que se compreende que não há um único fator causal para a prática de crimes e sim uma multiplicidade de fatores que, em conjunto, relacionam-se à conduta criminal. Assim, conforme expõem Fornells, Capdevila & Andrés-Pueyo (2002), a consideração da importância das variáveis individuais na aquisição, desenvolvimento e manutenção da conduta antissocial, não se opõe à noção da existência de influências socioambientais em relação a este tipo de comportamento.

Faz-se, deste modo, imprescindível ressaltar que ao se propor a investigação de aspectos (ou esquemas) de personalidade relacionados à prática delitiva, em momento algum se considera a relação entre estes aspectos de forma determinista, ou seja, não se considera que o fato de alguém apresentar determinado esquema de personalidade como sendo predominante significa que necessariamente este indivíduo irá emitir um comportamento delitivo. O que se propõe aqui é a identificação dos esquemas de personalidade mais comuns para tipos de crimes diferentes, buscando-se verificar se há variações quanto aos esquemas mais prevalentes em pessoas que cometeram diversos tipos de crimes.

O tema personalidade tem sido objeto de estudo de muitos autores, que o definiram de modos diversos. Frente às diferentes definições e concepções que se tem acerca do tema, optou-se pela concepção referente à abordagem cognitiva, de acordo com a qual a personalidade é considerada como sendo formada por valores centrais, desenvolvidos bem cedo na vida dos indivíduos e resultantes de fatores presentes em seu ambiente (Freeman & Datilio, 1998; Friedberg & McLure, 2004). Segundo Beck e Freeman (1993) e Beck, A., Butler, Brown, Dahlsgaard, Newman & Beck, J. (2001) estes valores são estruturas cognitivas organizadas categoricamente e hierarquicamente, conhecidas como esquemas.

De forma geral, o esquema é uma estrutura que filtra, codifica e avalia os estímulos aos quais se submete o organismo (Beck, 2005). O indivíduo consegue, assim, orientar-se em relação ao tempo e espaço, categorizar e interpretar experiências de maneira significativa, com base em seus esquemas (Beck, 2005; Young, Klosko & Weishaar, 2008).

Tendo como pressuposto este conceito de esquema de personalidade é que se desenvolve a terapia focada em esquemas, também chamada de terapia dos esquemas (TE), proposta por Young (Young et al., 2008). Esta, de acordo com o autor supracitado, trata-se de uma expansão do modelo cognitivo de curto prazo, proposto por Beck (2005) para tratamento de pessoas com transtornos da personalidade.

O conceito de esquema proposto por Beck é compartilhado por outras abordagens cognitivas, entretanto, nesta abordagem o conceito é ampliado incluindo os chamados esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) (Young, 2003; Young et al., 2008).

Young considera os EIDs como o nível mais profundo de cognição, sendo definidos como as crenças, os afetos e as memórias, tomados pelas pessoas como verdades sobre si mesmas e sobre o ambiente, de forma idiossincrática (Young, 2003; Young et al., 2008). Estas crenças são desenvolvidas ainda durante a infância e influenciam o processamento das experiências subsequentes (Young, 2003; Young et al., 2008) de modo profundo, sutil e fora da própria consciência (Callegaro & Landeira-Fernandes, 2007). Além disso, os EIDs contaminam a interpretação que a pessoa faz acerca dos acontecimentos, possibilitando ideias errôneas, atitudes distorcidas, predições inválidas e metas irrealistas.

Os EIDs podem ser ativados ou desativados através de mudanças de estímulos internos (memórias, pensamentos, sensações fisiológicas) ou externos (situações) associados ao conteúdo dos esquemas nucleares que o indivíduo apresenta (Young, 2003). Além disso, parecem ser o resultado das interações entre o temperamento inato da criança e experiências disfuncionais com pessoas significativas, durante a infância e a adolescência (geralmente seus pais/cuidadores). Quanto a isto, faz-se relevante ressaltar que os esquemas encontrados em adultos com problemas psicológicos não são resultantes de experiências traumáticas isoladas, mas de experiências

dolorosas cotidianas e repetitivas com familiares e outras crianças/adolescentes que reforçaram historicamente os EIDs (Young & Klosko, 1994; Young, 2003; Young et al., 2008).

Young e Klosko (1994; Young, 2003) e Young et al. (2008) pressupõem que há apenas duas operações de funcionamento dos esquemas: a perpetuação e a cura. A perpetuação se refere ao que a pessoa faz para alimentar os EIDs através de pensamentos, afetos, memórias e ações, enquanto a cura do esquema requer uma luta intensa contra padrões remotos que dão o tom identitário da pessoa, ou seja, os EIDs formatam o self e mudar estes padrões exige muito esforço e dedicação por parte do indivíduo.

Por meio da prática clínica, com pacientes crônicos, a abordagem cognitiva focada em esquemas identificou dezoito esquemas iniciais desadaptativos, organizados em cinco domínios: (a) desconexão e rejeição; (b) autonomia e desempenho prejudicados; (c) limites prejudicados; (d) orientação para o outro e (e) supervigilância e inibição (Young, 2003, Young et al., 2008). Os cinco domínios de esquema correspondem a necessidades desenvolvimentais da criança que, segundo Young et al. (2008), podem não ter sido atendidas. Estas necessidades a que Young et al. (2008) se refere seriam: autonomia; competência e sentido de identidade; liberdade de expressão e emoções; validação das necessidades; espontaneidade e lazer e limites realistas e autocontrole.

Os 18 EIDs, agrupados nos cinco domínios já descritos e caracterizados por déficits de necessidades básicas, estão listados a seguir (Young et al. 2008):

- **Desconexão e Rejeição (Domínio 1):** abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade/vergonha, isolamento social/alienação;
- **Autonomia e Desempenho Prejudicados (Domínio 2):** dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano ou à doença, emaranhamento/self subdesenvolvido, fracasso;
- **Limites Prejudicados (Domínio 3):** arrogo/grandiosidade, autocontrole/autodisciplina insuficientes;

- **Direcionamento para o Outro (Domínio 4):** subjugação, autossacrifício, busca de aprovação/busca de reconhecimento;
- **Supervigilância e Inibição (Domínio 5):** negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada, postura punitiva.

As características familiares relacionadas aos domínios dos esquemas podem ser observadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Características familiares relacionadas aos domínios dos esquemas

Domínio 1: Os pais ou responsáveis são ou eram, geralmente, individualistas, frios, rejeitadores, explosivos, imprevisíveis, ou abusivos.

Domínio 2: Os pais ou responsáveis são ou eram geralmente emaranhados afetiva e comportamentalmente aos filhos, minando a confiança da criança, superprotegendo-os.

Domínio 3: Os pais ou responsáveis são ou foram caracterizados por excessiva permissividade, abuso, falta de direção, por inflarem um senso de superioridade

Domínio 4: Os pais ou responsáveis são pessoas que baseiam sua relação com a criança em aceitação condicional: as crianças devem suprimir aspectos importantes de si mesmos a fim de ganhar amor, atenção e aprovação

Domínio 5: Os pais ou responsáveis são ou foram cruéis, exigentes e às vezes punitivos: desempenho, dever, perfeccionismo, o seguimento de regras, ocultar as emoções, e evitar erros predominam sobre o prazer, alegria e relaxamento.

Nota: adaptado de Young et al. (2008)

Há três formas como os esquemas podem ocorrer no indivíduo, ou seja, há três processos psíquicos inerentes ao esquema: Manutenção dos esquemas, em que os esquemas podem ser reforçados; Evitação dos esquemas, em que os mesmos podem ser evitados; Compensação dos esquemas, em que os mesmos podem ser supercompensados nos níveis cognitivo, afetivo e comportamental. Contribuem para a manutenção do esquema as distorções cognitivas (percepções distorcidas dos eventos) e os padrões de comportamento autoderrotistas (maneiras padronizadas de se relacionar com os outros que perpetuam os EIDs). Já o processo de evitação do esquema se dá em decorrência da intensa carga afetiva que é ativada quando um EID é acionado. São comuns evitações cognitivas (de

pensamentos ou imagens mentais), evitações afetivas (bloqueios dos sentimentos) e comportamentais (de situações ou circunstâncias cotidianas), as quais poderiam desencadear interpretações dolorosas (Young 2003; Young et al., 2008). Por fim, na supercompensação, os indivíduos assumem estilos cognitivos ou comportamentais que parecem ser o oposto de seus esquemas iniciais. Este processo pode ser funcional, a menos que não ultrapasse os limites de uma vida saudável (Young, 2003; Young et al., 2008).

A Terapia focada nos Esquemas tem sido implementada em contextos jurídicos em muitos países, por exemplo, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Holanda (Rijkeboer, 2005; Young et al., 2008). Entretanto, como expõe Bernstein, Arntz e de Vos (2007), esta terapia teve que ser adaptada a estes contextos. Assim, a principal forma da terapia focada nos Esquemas, ao se tratar de Transtornos de Personalidade mais severos (Transtorno de Personalidade Antissocial, Borderline, Narcisista e Paranoide) tem sido a Terapia do Esquema baseada nos Modos (Hildebrand & de Ruitter, 2004). Esta Terapia (baseada nos modos) possibilita ao terapeuta trabalhar com rápidas flutuações de estados emocionais e respostas de enfrentamento, aspectos estes que são comuns em transtornos severos de personalidade (Bernstein et al., 2007).

Entendem-se como modos, estados emocionais que dominam rapidamente os pensamentos, sentimentos e comportamentos do indivíduo, e respostas de enfrentamento adaptativas ou desadaptativas que se vivencia a cada momento. Os modos são ativados por situações a que se é supersensível e, em qualquer momento, alguns esquemas ou operações de funcionamento de esquemas estão inativos enquanto outros são ativados por alguns eventos, predominando no humor e no comportamento neste dado momento. Também considera-se que o indivíduo pode mudar (ou cambiar) de um modo para outro (Young et al., 2008).

Cada tipo de modo se identifica com algum estilo de enfrentamento ou se associa com determinado esquema, com exceção dos modos: adulto saudável e criança feliz. Foram identificados por Young quatro tipos de modos principais: modos criança, modos de enfrentamento disfuncional, modos pais disfuncionais e modos adulto saudável (Young et al., 2008) (ver Quadro 2).

Quadro 2 – Descrição dos modos (adaptado de Young et al., 2008)

Modos criança
<p>Acredita-se que os modos criança são inatos e universais, sendo que todas as crianças nasceriam com um potencial para manifestá-los. Estes modos compreendem sentimentos, pensamentos e comportamentos infantilizados.</p>
<p>Criança vulnerável: a pessoa se sente vulnerável e com sentimentos como ansiedade, depressão, angústia, vergonha e humilhação.</p>
<p>Criança zangada: É a parte que está com raiva por na ter suas necessidades emocionais atendidas e que age com base nesta raiva sem que as consequências de seus comportamentos sejam consideradas.</p>
<p>Criança impulsiva/indisciplinada: É representada pelo indivíduo que expressa suas emoções, age de acordo com seus desejos e segue vontades naturais a cada momento de forma negligente, sem que as consequências para o self e para o outro sejam consideradas.</p>
<p>Criança Feliz: É aquela cujas necessidades emocionais básicas estão, naquele momento, atendidas.</p>
Modos enfrentamento disfuncional
<p>Correspondem a três tipos de enfrentamento de manutenção, evitação e compensação.</p>
<p>Capitulador complacente: O indivíduo se submete ao esquema, se tornando a criança passiva e desamparada que deve ceder aos desejos dos outros.</p>
<p>Protetor desligado: Neste modo de enfrentamento, o sujeito se desliga psicologicamente do sofrimento do esquema, se afastando no sentido emocional, fazendo uso de drogas ou álcool, autoestimulando, evitando os outros indivíduos ou utilizando outros meios de escape.</p>
<p>Hipercompensador: Reage, maltratando os demais ou utilizando-se de meios extremos, em busca de refutar o esquema, o que se mostra como sendo disfuncional.</p>
Modos Pais disfuncionais
<p>Nestes modos, o indivíduo se torna semelhante ao pai ou à mãe que foram internalizados.</p>
<p>Pai/Mãe punitivo: Um dos modos da criança é punido, por se comportar mal.</p>
<p>Pai/Mãe exigente: Neste modo, a criança é pressionada a cumprir padrões muito elevados.</p>
Modo Adulto Saudável
<p>É a parte adulta e saudável do <i>self</i>, que ajuda a satisfazer as necessidades emocionais básicas presentes na criança. Assim, o trabalho com os modos tem como objetivo fundamental fortalecer o adulto saudável para trabalhar de forma mais eficaz com os demais modos.</p>

Estes modos podem ser entendidos e aplicados de forma mais ampla, ajudando a explicar a origem dos comportamentos delitivos, além de servirem como elementos utilizados em práticas terapêuticas baseadas na terapia de esquemas aplicada em contextos forenses. Frente às crescentes evidências empíricas da Terapia do Esquema (TE) e ao conceito modo de esquema em pacientes não forenses, Bernstein et al. (2007) introduziram a TE no campo forense, expandindo o modelo de modo de esquema por

uma definição e conceituação de estados particulares, comuns em indivíduos infratores com transtorno de personalidade, mas não em pacientes psiquiátricos não infratores que também apresentam TP. Sobre estas diferenças entre indivíduos infratores e não infratores, ambos com TP, sabe-se, por exemplo, que questões como a violência, a adicção e a manipulação são uma parte comum do estilo interpessoal de um criminoso, mas são relativamente incomuns em pacientes não infratores com TP, como aponta Keulen-de Vos (2013)

O modelo TE forense tem como foco o estado emocional, conhecido como modos de esquema, que são vistos como fatores de risco para a violência e o crime. Ao serem acionados determinados modos de esquema, há um aumento da probabilidade de o indivíduo agir de forma agressiva, impulsiva ou apresentar outros comportamentos antissociais. Desta forma, ao abordar esses fatores, os terapeutas do esquema visam reduzir o risco de o paciente agir com violência, além de apresentar um comportamento antissocial futuro (Keulen-de Vos, 2013).

Partindo da teoria dos modos de esquemas, Bernstein et al. (2007) propuseram a existência de mais quatro modos, além dos modos propostos por Young. São eles: 1) *Modo Protetor zangado ou raivoso*- estado emocional de raiva controlada ou hostilidade para manter os outros a uma distância; 2) *Modo predador*- estado de agressão fria, planejada e cruel para eliminar uma ameaça; 3) *Modo enganador e manipulador* - estado que envolve enganar, mentir e manipular os outros, a fim de atingir um objetivo específico, como escapar de uma punição ou vitimizar os outros por algum tipo de ganho (por exemplo, material ou sexual); 4) *Modo controlador obsessivo-compulsivo*- estado em que o indivíduo tenta exercer controle extremo usando a ordem ou repetição em resposta a uma ameaça real ou percebida. O modo controlador foi ainda subdividido por Keulen-de Vos (2013) em dois subtipos: Obsessivo compulsivo, já descrito por Bernstein et al. (2007) e *Modo controlador paranóico* - estado em que o paciente tenta identificar e, portanto, controlar uma fonte de perigo ou humilhação, geralmente buscando uma ameaça oculta ou percebida.

Desta forma, tendo como orientação a teoria dos modos e esquemas de personalidade, o presente estudo tem como objetivo, avaliar em uma

amostra de pessoas que cometeram crimes, tanto a identificação do esquema de personalidade predominante em indivíduos que cometeram crimes de modo geral, quanto o esquema que se apresentava com maior prevalência em indivíduos que cometeram cada um dos crimes analisados neste estudo.

MÉTODO

Amostra

Participaram do estudo 244 presidiários do Presídio Professor Jacy de Assis, de Uberlândia- MG, julgados e condenados pelos crimes de furto, roubo, homicídio, estupro ou abuso sexual e tráfico de drogas ou associação ao tráfico.

Os participantes eram de ambos os sexos, sendo 210 do sexo masculino (86,1%), 16 do sexo feminino (6,6%) e 18 que não identificaram o sexo (7,4%). Quanto à idade, participaram do estudo 39 indivíduos de 18 a 22 anos (16,0%), 50 de 23 a 25 anos (20,5%), 55 de 26 a 30 anos (22,5%), 37 de 31 a 35 anos (15,2%), 21 de 36 a 40 anos (8,6%), 17 de 41 a 45 anos (7%), oito de 46 a 50 anos (3,3%), três de 51 a 55 anos (1,2%), dois de 56 a 60 anos (0,8%), e apenas um acima de 60 anos (0,4%). Não responderam a esta questão 11 indivíduos (4,5%).

Quanto aos tipos de crimes pelos quais os indivíduos se encontravam condenados, tem-se: 24 indivíduos condenados por furto (9,5%), 122 por roubo (50%), 76 por tráfico de drogas (31%), 10 por homicídio (4,5%) e 12 por estupro (5%).

Instrumento

Os sujeitos responderam ao seguinte questionário:

- Dados sóciodemográficos: Composto por 16 itens, tem como intuito o mapeamento de características sóciodemográficas, tais como idade, sexo, escolaridade, estado civil, situação econômica e crime pelo qual o indivíduo foi condenado, dentre outras. Contudo, no presente artigo,

tendo em vista os objetivos do mesmo, apenas foram extraídos do estudo original dados como idade, sexo e tipo de crime pelo qual os componentes da amostra se encontram detidos.

- Questionário de Esquemas de Personalidade - *forma* reduzida: Adaptado e validado para o Brasil por Cazassa (2007), contém setenta e cinco afirmativas, em sua forma reduzida e que deveria ser respondida em uma escala do tipo Likert de seis pontos; este instrumento avalia os quinze esquemas que se encontram inseridos em cinco grandes domínios: Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites Prejudicados, Orientação para o Outro, Supervigilância e Inibição (Young, 2003).

Quanto ao grau de consistência interna do questionário, para a população brasileira, foi obtido um alpha de Cronbach de 0,955, o que indica um excelente grau de consistência interna (Cazassa, 2007).

Procedimentos

Inicialmente, foi solicitada a autorização dos diretores do Presídio Professor Jacy de Assis e da Escola Estadual Professor Paulo Freire, que se localiza nas dependências do presídio, onde a coleta dos dados foi realizada. Foram esclarecidos os objetivos do estudo e os procedimentos para a execução do mesmo à Direção de ambas as instituições. Em seguida, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa, a fim de se cumprir os procedimentos éticos necessários à realização da pesquisa, obtendo-se a aprovação do mesmo (ofício nº 040/11; CEP 484/10).

Solicitou-se, então, à Unidade Prisional uma lista com os nomes de todos os detentos condenados que se encontravam no Presídio, e crimes pelos quais possuíam condenação. Sabe-se que a Instituição em questão contava no momento da realização da pesquisa com presos provisórios (cerca de 1200) e condenados (cerca de 500), conforme dados fornecidos pela mesma. Contudo, neste estudo utilizou-se apenas presos que já tinham condenação, conforme já fora exposto. Obtendo-se a referida lista (de presos condenados), os nomes dos detentos foram sorteados, aleatoriamente.

Os indivíduos sorteados foram, assim, conduzidos pelos Agentes de Segurança Penitenciária até o local de aplicação, a Escola Estadual Professor Paulo Freire, esclarecendo-se que caso algum participante se recusasse a sair de sua cela, o mesmo não deveria ser repreendido ou forçado de qualquer forma.

Os participantes foram divididos em grupos de cerca de vinte pessoas cada, tendo em vista as exigências feitas pelo Presídio Professor Jacy de Assis, o espaço disponível para a aplicação e a agilidade da aplicação dos questionários.

Para cada grupo, foi feita a apresentação dos objetivos e procedimentos da pesquisa e aqueles que concordaram em participar assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e autorização para a publicação dos dados. Os indivíduos que não concordassem deveriam ser conduzidos de volta à cela de origem. Não houve desistências neste momento. Além disso, foi questionado se algum participante não sabia ler e escrever, tendo em vista que este era um requisito fundamental para a participação na pesquisa. Também não houve nenhum participante excluído devido a este aspecto. Os questionários foram, então, aplicados pela própria pesquisadora, apenas com os participantes que assinaram os termos supracitados.

Análise dos dados

As análises foram realizadas por meio do programa SPSS 18.0 (Program Statistical Package for the Social Sciences) for Windows®, de modo que para a descrição da amostra, foram utilizadas análises estatísticas descritivas, tais como frequência, porcentagem, média e desvio-padrão. Além disso, foi realizado o teste de assimetria (skewness) visando-se a verificação da tendência à normalidade da amostra, o que constitui uma exigência para a utilização de estatística paramétrica. Todas as variáveis obtiveram valor inferior a dois, o que de acordo com Miles e Shevlin (2001) indica uma tendência à distribuição dos dados para a normalidade.

Também foram realizadas análises descritivas, com os cálculos das médias e desvios-padrão, para se encontrar o esquema de personalidade com maior média tanto para a amostra total quanto para as subamostras, compostas por indivíduos que cometeram tipos de crimes distintos entre si.

Resultados e Discussão dos Dados

A partir da coleta de dados observaram-se os seguintes resultados: a amostra apresentou, hierarquicamente, médias nas respostas para o esquema de Autossacrifício (M = 3,72; DP = 1,35), seguido de Padrões Inflexíveis (M = 3,32; DP = 1,17), Abandono (M = 3,21; DP = 1,43), Vulnerabilidade a danos e a doenças (M = 2,79; DP = 1,21), Desconfiança/ Abuso (M = 2,76; DP = 1,28), Merecimento (M = 2,75; DP = 1,23), Inibição Emocional (M = 2,56; DP = 1,21), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,49; DP = 1,17), Emaranhamento (M = 2,44; DP = 1,23), Privação Emocional (M = 2,44; DP = 1,26), Subjugação (M = 2,37; DP = 1,13), Isolamento Social (M = 2,25; DP = 1,18), Dependência/ Incompetência (M = 2,12; DP = 1,03), Fracasso (M = 1,93; DP = 1,06), Defectividade/ Vergonha (M = 1,92; DP = 1,21).

Considerando os tipos de crimes, optou-se em avaliar os esquemas de personalidade em função dessa variável; os resultados foram os seguintes:

A) Furto

Para este tipo de crime, o Esquema de Personalidade que apresenta maior média de respostas nos indivíduos que cometeram furto é o esquema Autossacrifício (M = 4,54; DP = 1,01), seguido pelos esquemas Abandono (M = 4,16; DP = 1,52), Merecimento (M = 3,63; DP = 1,35), Privação Emocional (M = 3,56; DP = 1,84), Padrões Inflexíveis (M = 3,47; DP = 1,39), Desconfiança/ Abuso (M = 3,40; DP = 1,64), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 3,20; DP = 1,38), Isolamento Social (M = 3,20; DP = 1,72), Inibição Emocional (M = 3,10; DP = 1,58), Emaranhamento (M = 3,05; DP = 1,77), Subjugação (M = 3,04; DP = 1,53), Dependência/Incompetência (M = 2,86,

DP = 1,60), Defectividade/ Vergonha (M = 2,79, DP = 2,13), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,60; DP = 1,68) e Fracasso (M = 2,42; DP = 1,42).

B) Roubo

Entre os indivíduos que cometeram roubo, também houve maior média de respostas para o Esquema Autossacrifício (M = 3,70; DP = 1,36), seguido pelos esquemas Padrões Inflexíveis (M = 3,25; DP = 1,11), Abandono (M = 3,07; DP = 1,37), Merecimento (M = 2,69, DP = 1,16), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,64; DP = 1,13), Desconfiança/ Abuso (M = 2,62; DP = 1,27), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,53; DP = 1,12), Inibição Emocional (M = 2,44; DP = 1,10), Subjugação (M = 2,36; DP = 1,02), Emaranhamento (M = 2,34; DP = 1,12), Privação Emocional (M = 2,30; DP = 1,10), Isolamento Social (M = 2,05; DP = 0,99), Dependência/ Incompetência (M = 2,03; DP = 0,91), Fracasso (M = 1,89; DP = 1,02) e Defectividade/ Vergonha (M = 1,84; DP = 1,12).

C) Homicídio

Para os indivíduos que cometeram homicídio, o esquema que apresentou maior média foi Autossacrifício (M = 3,45; DP = 1,61). Em seguida, apresentaram maior média: Padrões Inflexíveis (M = 3,06; DP = 1,19), Desconfiança/Abuso (M = 2,97; DP = 1,50), Abandono (M = 2,97; DP = 1,62), Inibição Emocional (M = 2,56; DP = 1,16), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,51; DP = 1,23), Emaranhamento (M = 2,49; DP = 1,14), Merecimento (M = 2,40; DP = 1,45), Dependência/ Incompetência (M = 2,39; DP = 1,21), Isolamento Social (M = 2,38; DP = 1,44), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,34; DP = 0,95), Privação Emocional (M = 2,29; DP = 1,02), Fracasso (M = 2,28; DP = 1,61), Subjugação (M = 2,27; DP = 0,69) e Defectividade/ Vergonha (M = 1,68; DP = 1,06).

D) Estupro

Para o crime de estupro, apresentou maior média o esquema Autossacrifício (M = 4,11; DP = 1,22), seguido dos esquemas Abandono (M = 3,53; DP = 1,45), Padrões Inflexíveis (M = 3,49; DP = 1,23), Emaranhamento (M = 2,71; DP = 1,05), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,58; DP = 1,45), Desconfiança/ Abuso (M = 2,53; DP = 1,10), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,44; DP = 1,15), Subjugação (M = 2,34; DP = 1,12), Inibição Emocional (M = 2,29; DP = 1,46), Merecimento (M = 2,24; DP = 1,16), Privação Emocional (M = 2,16; DP = 1,61), Isolamento Social (M = 2,11; DP = 1,50), Defectividade/ Vergonha (M = 1,91; DP = 1,31), Fracasso (M = 1,64; DP = 0,90) e Dependência/ Incompetência (M = 1,60; DP = 0,53).

E) Tráfico de drogas

Para o crime de tráfico de drogas, o Esquema de Personalidade de maior prevalência foi o esquema Autossacrifício (M = 3,64; DP = 1,50). Em seguida, apresentaram maiores médias, nesta ordem: Abandono (M = 3,13; DP = 1,39), Padrões Inflexíveis (M = 3,09; DP = 1,06), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,80; DP = 1,25), Desconfiança/ Abuso (M = 2,59; DP = 1,17), Merecimento (M = 2,57; DP = 1,32), Inibição Emocional (M = 2,54; DP = 1,20), Privação Emocional (M = 2,35; DP = 1,17), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,31; DP = 1,14), Emaranhamento (M = 2,25; DP = 1,27), Isolamento Social (M = 2,21; DP = 1,11), Subjugação (M = 2,10; DP = 1,17), Dependência/ Incompetência (M = 2,03; DP = 0,96), Defectividade/ Vergonha (M = 1,83; DP = 1,11) e Fracasso (M = 1,80; DP = 0,83).

Considerando tais resultados, destaca-se que, para todos os tipos de crimes, tanto em sua especificidade e na amostra total, o esquema que apresentou maior média de respostas foi o esquema Autossacrifício. A predominância neste esquema pelos respondentes reflete uma contradição, uma vez que, se por um lado, de acordo com Young et al. (2008), este esquema costuma ser resultante de um temperamento altamente empático, em outras

palavras, uma grande sensibilidade ao sofrimento alheio, e as pessoas que o apresentam renunciam às suas necessidades devido a um padrão moral interior, por outro lado, ao se pensar em praticantes de crimes, não é de se esperar uma alta capacidade empática, conforme demonstrado em estudos realizados sobre o tema (Beck, 2000; Fornells et al., 2002; Landazabal, 2005; Litwack & Schlesiner, 1999 como citado em Rua, 2006; Polaschek & Reynolds, 2000 como citado em Rua, 2006; Soler & López, 2003).

Em concordância com o exposto, Soler e López (2003) encontraram em seus estudos que o psicoticismo, segundo a concepção de Eysenck (1996), é a dimensão mais relacionada à delinquência. Quando apresenta altas pontuações ao ser avaliado, o psicoticismo indica despreocupação em relação aos demais, com tendência à crueldade, insensibilidade e hostilidade, além de poucos indícios de empatia (Eysenck, 1967; Eysenck, H. & Eysenck, M., 1987; Sisto, 2004; Wakefield, 1979).

De forma geral, pode-se compreender a predominância do Esquema Autossacrifício a partir do conceito de desejabilidade social, ou seja, é possível que os indivíduos tenham respondido de acordo com o que consideravam como sendo mais aceitável socialmente (Rocha, 2011). Isto pode se relacionar às próprias circunstâncias em que estão inseridos, de modo que podem ter respondido, com receio de que as suas respostas pudessem ser usadas de alguma forma que lhes fosse prejudicial.

Quanto ao aspecto da desejabilidade social, especialmente no que diz respeito à população forense, Keulen-de Vos (2013) afirma que a avaliação da personalidade em contextos forenses pode melhorar serviços psicológicos para os criminosos por ser essencial na determinação de intervenções terapêuticas apropriadas. No entanto, segundo o autor supracitado, a avaliação de pacientes forenses não é simples nem fácil, já que a confiabilidade e a validade destas avaliações são muitas vezes dificultadas por respostas que configuram uma desejabilidade social.

Considera-se, além disso, a possibilidade de que a prevalência do esquema Autossacrifício se deva ao fato de que ele possa ter se desenvolvido ou ter sido ativado em resposta a esquemas incondicionais, como Abandono, Privação Emocional, Desconfiança/Abuso. De acordo com Young et al. (2008), que considera os esquemas incondicionais como sendo aqueles

mais remotos e nucleares, de acordo com os quais não importa o que se faça, o resultado será sempre o mesmo. Já os esquemas condicionais permitem ao sujeito mudar o resultado, além de serem desenvolvidos como tentativas de obtenção de alívio em relação aos primeiros, sendo caracterizados como secundários; assim, estes indivíduos podem, por exemplo, acreditar que se sacrificando e sacrificando os próprios interesses em prol dos interesses alheios, provavelmente, não serão abandonados.

Uma outra explicação para compreender o porquê de se observar uma maior média no esquema Autossacrifício pelos respondentes do presente estudo, poderá relacionar-se ao conceito de hipercompensação; este, se refere à noção de encaminhamento em direção ao padrão oposto àquele que está registrado no psiquismo (Young, 2003). De acordo com isto, os indivíduos que apresentam este estilo de enfrentamento lutam contra o esquema pensando, sentindo, comportando-se e se relacionando como se o contrário do esquema fosse verdadeiro. Segundo Young et al. (2008), estes indivíduos buscam por meio da hipercompensação ser o mais diferente possível do que foram quando o esquema foi formado. Assim, para os autores, este estilo de enfrentamento é desenvolvido porque oferece uma alternativa ao sofrimento causado pelo esquema.

As pessoas desenvolvem desde cedo estilos de enfrentamento desadaptativos a fim de se adaptar ao esquema e para que não tenham que experimentar emoções intensas e danosas, as quais são geralmente provocadas por eles. Apesar de estes estilos de enfrentamento auxiliarem os indivíduos a evitar o esquema, não são capazes de curá-lo, servindo ao contrário, como elementos de perpetuação de seu funcionamento (Young et al., 2008).

Sendo assim, acredita-se na possibilidade de que as respostas tenham sofrido interferência do estado de humor, já que a prisão por si só representa uma situação de privações e sofrimentos diversos. Stopa e Waters (2005) afirmam que mesmo discretas alterações no humor podem interferir nas respostas do questionário de esquemas de personalidade proposto por Young (2003), podendo modificar a forma como as pessoas enxergam o self. Contudo, as pesquisadoras não esclareceram se estas mudanças de humor ativam um esquema que se encontra latente ou se ativam pensamentos automáticos mais negativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, pesquisas sobre indivíduos que cometeram crimes e os fatores relacionados a esta prática têm cada vez mais despertado o interesse de pesquisadores da área, como já fora exposto. Contudo, as mesmas representam um desafio já que se por um lado, percebe-se uma necessidade de se compreender este fenômeno, por outro, inúmeros aspectos têm comprometido a realização destes estudos.

Um dos fatores que exemplificam este comprometimento é a dificuldade de acesso a esta população (que praticou algum tipo de crime), uma vez que, conforme ressaltam Shikida, P. et al. (2006), um estabelecimento penal dificilmente está aberto a estudos deste teor, tendo em vista a própria caracterização da instituição prisional, bem como o resguardo de suas finalidades.

Trata-se, ainda, de uma população com características próprias, as quais podem interferir nos resultados dos estudos realizados, não revelando fielmente aspectos que lhes são inerentes. Quanto a isto, é possível considerar o receio destes indivíduos de serem ainda mais prejudicados (pensando na condição em que se encontram de total submissão e subjugação) como sendo, por si só, uma condição favorável para que as respostas fornecidas em pesquisas realizadas sofram interferência do que chamamos de desejabilidade social, como já discuido anteriormente.

Em concordância com isto, Chico (1997 como citado em Fornells et al., 2002) considera que os detentos costumam se comportar de forma diferente se comparado a outras populações, ao responderem um teste de personalidade. Além disso, os autores afirmam que os itens dos questionários podem não se ajustar corretamente às experiências por eles vivenciadas quando passam muito tempo reclusos.

Sugere-se, diante disto, que em pesquisas realizadas com detentos, seja buscado um maior controle das variáveis desejabilidade social e estado de humor, visando minimizar o seu efeito sobre o estudo.

Finalmente, considera-se imprescindível que mais pesquisas sejam realizadas sobre o tema, a despeito de quaisquer dificuldades que possam ser encontradas, já que acredita-se que somente através de mais pesquisas com

esse foco é que se pode, de fato, além de conhecer melhor esta população, propor meios, a partir disto, para que estes indivíduos possam se reintegrar à sociedade de forma efetiva. Considera-se ainda, que um caminho relevante a ser percorrido em relação às pesquisas futuras é o estudos de aspectos relacionados aos modos dos esquemas, pensando-se na implementação da Terapia dos Esquemas na população forense no Brasil, a exemplo do que tem ocorrido em outros países.

REFERÊNCIAS

- Beck, A. T. (2000). *Prisoners of hate. The cognitive basis of anger, hostility and violence*. New York: Perennial.
- Beck, A.T. (2005). The current status of cognitive therapy. A 40-year retrospect. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Beck, A. T., Butler, A. C., Brown, G. K., Dahlsgaard, K. K., Newman, C.F., & Beck, J. S. (2001). Dysfunctional beliefs discriminate personality disorders. *Behavior Research and Therapy*, 39, 1213-1225.
- Beck, A. T. & Freeman, A (Orgs.). (1993). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bernstein, D. P., Arntz, A. & Keulen-de Vos, M. (2007). Schema focused therapy in forensic settings: Theoretical model and recommendations for best clinical practice. *International Journal of Forensic Mental Health* 6(2), 169-183. Recuperado em 20 de fevereiro de 2011 de <http://www.iafmhs.org/files/Bernstein.pdf>.
- Callegaro, M.M. & Landeira-Fernandez, J. (2007). Pesquisas em neurociências e suas implicações na prática psicoterápica. In A.V. Cordioli (Org.), *Psicoterapias: abordagens atuais* (3ª. Ed., pp. 851-872). Porto Alegre: Artmed.
- Cazassa, M. J. (2007). *Mapeamento de esquemas cognitivos: validação da versão brasileira do Young schema questionnaire-short form*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Eysenck, H. J. (1967). *Thebiologicalbasis of personality*. Springfield, IL: Charles C Thomas.

- Eysenck, H. J. (1996). Personality theory and the problem of criminality. In J. Muncie & J. McLaughlin (Eds.), *Criminological perspectives: A reader* (pp. 81–98). London: Sage Publications.
- Eysenck, H. J. & Eysenck, M. W. (1987). *Personalidad y diferencias individuales*. Madrid: Ediciones Pirámides.
- Freeman, A. & Datilio, F. M. (Orgs.). (1998). *Compreendendo a terapia cognitiva*. Campinas: Editora Psy.
- Friedberg, R.D. & McClure, J.M. (2004). *A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Fornells, Capdevila & Andrés-Pueyo (2002). Personalidad y comportamiento penitenciário. *Psicothema*, 14 (supl.), 90-100. Recuperado em 18 de outubro de 2010 de <http://www.psicothema.com/PDF/3478.pdf>.
- Hildebrand, M. & De Ruitter, C. (2004). PCL-R psychopathy and its relation to DSM-IV Axis I and II disorders in a sample of male forensic psychiatric patients in the Netherlands. *International Journal of Law and Psychiatry*, 27, 233-248
- Instituto Sou da Paz (2013). *As armas do Crime*. Recuperado em 18 de fevereiro de 2014, de http://www.soudapaz.org/upload/pdf/as_armas_do_crime_vers_o_final_19_08_13.pdf.
- Keulen-de Vos, M. E. (2013). *Emotional states, crime and violence. A Schema Therapy approach to the understanding and treatment of forensic patients with personality disorders*. Cover design by FPC de RooyseWissel – Graphics department & Datawyse | UniversitairePers Maastricht Production: Datawyse | UniversitairePers Maastricht.
- Landazabal, M. G. (2005). Conducta antisocial durante La adolescência: correlaciones sócio emocionales, predictores y diferenciais de gênero. *Psicologia Conductual*, 13(2), 197-215.
- Miles, J., & Shevlin, M. (2001). *Applying regression & correlation – A guide for students and researchers*. London: SAGE Publications.
- Rijkeboer, M.M. (2005). *Assessment of early maladaptive schemas: on the validity of the Dutch Young schema questionnaire*. Enschede/ Amsterdam (The Netherlands): Print Partners Ipskamp.

- Rocha, M. C. O. (2011). *Estudo das Condutas Antissociais e Delitivas e Esquemas de Personalidade numa amostra de presidiários*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.
- Rua, F. (2006). *A Avaliação da Personalidade em contexto penal: (des) comunicações criminológicas entre Direito e Psicologia*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto.
- Shikida, P. F. A., Araújo Júnior, A. F., Shikida, C. D. & Borilli, S. P. (2006). Determinantes do comportamento criminoso: um estudo econométrico nas Penitenciárias Central, Estadual e Feminina de Piraquara (Paraná). *Pesquisa & Debate*, 17(1), 125-148.
- Sisto, F. F. (2004). Escala de traços de personalidade para crianças (ETPC) e emoção: evidências de validade. *Paidéia: cadernos de psicologia e educação*, 14(29), 359-369.
- Soler, C. L. & López, J. R. L. (2003). Rasgos de personalidad y conducta antisocial y delictiva. *Psicopatología Clínica Legal y Forense*, 3(2), 5-19.
- Stopa, L. & Waters, A. (2005). The effect of mood on responses to the Young Schema Questionnaire: Short Form. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 78, 45-57.
- Wakefield, Jr. J. A. (1979). *Using personality to individualize instruction*. San Diego, CA: Edits Publishers.
- Young, J. E (2003). *Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas*. (3ª edição) (M.A.V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E., & Klosko, J. S. (1994). *Reinventing your life: The breakthrough program to end negative behavior...and feel great again*. New York: Plume Book.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.